



## II CONGRESSO INTERNACIONAL DA ROTA DO ROMÂNICO

AMARANTE 11 | 12 DEZEMBRO 2014

### Quando as Pedras Ganham Alma e Têm Voz

O processo criativo da ficção histórica usa como combustível o passado, a nossa História. Não interessa narrar os factos, porque essa tarefa cabe aos historiadores, mas, antes, imaginar. Observar, investigar e, a seguir, fazer transportar, autores e leitores, pelo tempo, e imaginar gente, real ou fictícia, que viveu os sonhos e os dramas do seu tempo.

Por isso, a ficção histórica, vulgo romance histórico, ajuda dar vida às pedras mortas de um sítio abandonado no meio de um monte, ou a espaços das cidades modernas que apenas se conhecem dos livros, a encher os mosteiros de vida, a entrar nas guerras que mudaram o mundo, a visitar as espiritualidade, as crenças e os mitos que construíram o nosso subconsciente coletivo. No fundo, a levar vida e alma ao nosso passado comum. A insuflar de vida aqueles que os livros de História apenas relatam no plural, eventualmente como classe social, contando a tragicomédia da condição humana, ao longo dos tempos.

A ficção histórica é, desta forma, uma via para se conhecer o passado. E quem escreve inspirado nesse combustível, necessita fazer um trabalho aturado e solitário de criação de tramas e dramas humanos de todos os tempos, mas também de investigação, a partir dos vestígios dos lugares com memória, dos documentos que se preservaram e dos trabalhos científicos dos especialistas, muitos deles desconhecidos do grande público.

Por outro lado, estes livros semeiam nos leitores a curiosidade de conhecerem os lugares onde se desenrolaram as suas ações, levam gente a esses locais e dão-nos a conhecer. Ao mesmo tempo, aumentam a autoestima de quem neles vive na atualidade, que experimentam a gratificação de ficarem a saber mais sobre o seu passado, perceberem faces porventura desconhecidas da sua identidade.